

A abordagem comparativa como ferramenta de engajamento profissional na obra de Israel Kirzner¹

Lucas Casonato²; Eduardo Angeli³

Recibido: 03/08/2020 / Aceptado: 27/02/2021

Resumo. Este artigo procura mostrar a existência de um estilo argumentativo particular que permeia a obra de Israel Kirzner, aqui denominado de “abordagem comparativa”. Conquanto tal método não seja exclusivo do autor, chama-se a atenção para a particularidade desta forma de diálogo ter lugar comum em sua obra. Isto é verificado pelo resgate preliminar e recorrente de outras abordagens acerca de um tema antes de Kirzner passá-lo para sua própria apreciação teórica. O artigo interpreta esta iniciativa como postura de engajamento profissional, considerando o contexto de ressurgência da Escola Austríaca na década de 1970, movimento que teve Kirzner como um de seus líderes. Nesta leitura, o esforço do autor em referenciar sistematicamente outras abordagens teóricas pode ser entendido como forma de aproximação a elas e de seu público, ampliando o alcance do Austríacismo. Isso reflete a busca de Kirzner em esclarecer e divulgar a teoria austríaca, um indicativo do seu engajamento entre os economistas.

Palavras-chave: Israel Kirzner; abordagem comparativa; engajamento profissional; Escola austríaca

Códigos JEL: B31, B53

[en] The comparative approach as a professional engagement tool in the works of Israel Kirzner

Abstract. This article shows the existence of a special argumentative style that permeates the work of Israel Kirzner, here called “comparative approach”. Although this method is not exclusive to the author, the attention is drawn to the particularity that this form of dialogue has a common place in Kirzner’s work. This is verified by the preliminary and recurring rescue of other theoretical approaches to a theme before Kirzner passed his own assessment. The article proposes to interpret this positioning as a professional engagement initiative, considering the context of resurgence of the Austrian School in the 1970’s, a movement that Kirzner had as one of its leaders. In this reading, the Kirzner’s effort to systematically refer to other theoretical approaches can be understood as a way of approaching them and their audience, expanding the reach of Austrianism. This reflects Kirzner’s quest to clarify and disseminate Austrian theory, an indicative of his engagement among economists.

Keywords: Israel Kirzner; comparative approach; professional engagement; Austrian School

JEL Codes: B31, B53

[es] El enfoque comparativo como herramienta de compromiso profesional en el trabajo de Israel Kirzner

Resumen. Este artículo muestra la existencia de un particular estilo argumentativo que impregna la obra de Israel Kirzner, aquí llamado “enfoque comparativo”. Si bien este método no es exclusivo del autor, el artículo llama la atención sobre la particularidad de que este tipo de diálogo es un lugar común en su obra. Esto se verifica por la forma en que Kirzner recupera de manera recurrente y preliminar otras aproximaciones en cada tema antes de plantear su propia exposición teórica. El artículo interpreta esta iniciativa como un compromiso profesional, considerando el contexto de resurgimiento de la Escuela Austríaca en la década de 1970, movimiento del que Kirzner fue uno de sus líderes. En esta interpretación, el esfuerzo del autor por referirse sistemáticamente a otros enfoques teóricos puede entenderse como una forma de acercarse a ellos y a su audiencia, ampliando el alcance del Austríacismo. Esto es consecuencia de la búsqueda de Kirzner de aclarar y difundir la teoría austríaca, una indicación de su compromiso con los economistas.

Palabras clave: Israel Kirzner; enfoque comparativo; compromiso profesional; Escuela austríaca

Códigos JEL: B31, B53

Sumario: 1. Introdução. 2. A abordagem comparativa como ferramenta de engajamento profissional. 3. A obra kirzneriana à luz da “abordagem comparativa”. 3.1. Uma teoria austríaca-misesiana do capital no contexto da “Controvérsia de Cambridge”. 3.2. Uma teoria austríaca sobre o mercado no contexto de retorno à microeconomia. 3.3. Uma teoria austríaca da justiça no contexto do debate sobre justiça distributiva. 4. Uma visão da Escola austríaca no contexto do pós-*Austrian Revival*. 5. Conclusão. Referências.

¹ Os autores agradecem a Armando Dalla Costa, Fabio Barbieri, Felipe Almeida, Ramón Fernández e a dois pareceristas anônimos pelas valiosas críticas e sugestões, eximindo-os dos erros e omissões. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e Faculdade de Educação Superior do Paraná (FESPPR), Brasil.
E-mail: casonato.economia@gmail.com.
ORCID: 0000-0003-1280-3049

³ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil.
E-mail: angeli@ufpr.br.
ORCID: 0000-0001-6676-9267

Cómo citar: Casonato, L.; Angeli, E. (2021): “A abordagem comparativa como ferramenta de engajamento profissional na obra de Israel Kirzner” en *Iberian Journal of the History of Economic Thought* 8(1), 67-80.

1. Introdução

Israel Kirzner é um dos nomes mais importantes da Escola Austríaca (EA). Com sua principal contribuição teórica, a tese da atividade empresarial, foi um dos líderes no movimento que ajudou a recuperar o austrianismo na década de 1970, quando a Escola ainda passava por seu período de menor prestígio acadêmico (Barbieri, 2008, 216-217). Essa também foi uma contribuição para o restante da profissão dos economistas, por ter a teoria kirzneriana explicitado a negligência até então existente quanto ao papel do empresário na teoria econômica tradicional (Douhan *et al.*, 2007, 222).

Korsgaard *et al.* (2016, 868) corroboram esse duplo papel da contribuição kirzneriana, defendendo que Kirzner propôs a tese da função empresarial em bases austríacas e a apresentou na linguagem comum à teoria neoclássica, tornando essas duas correntes parte do mesmo auditório. Além de promover nova agenda de pesquisa na EA, como reconhece Salerno (2002, 117), a tese kirzneriana avançou ao buscar atingir o corpo principal da profissão, como apontam Jakee e Spong (2003, 476-477). Uma evidência do mérito de Kirzner, neste sentido, foi ter seu nome incluído junto ao de William Baumol em 2014 na predição dos ganhadores do prêmio Nobel de Economia daquele ano, pelas contribuições para a teoria do papel empresarial, mas isso não se concretizou⁴.

O próprio Kirzner se apresenta, e é reconhecido, como um teórico que desenvolveu as ideias de Mises e Hayek acerca do processo de mercado, de onde emerge sua interpretação da atividade empresarial (Kirzner, 2015b [1967], 176; 2015a [1986], 40-42; 2015c [1995], 54; 1997a, 19 e 50; Boettke e Sautet, 2013, x). Essa proposta foi utilizada de diversas maneiras, seja pelo próprio Kirzner na aplicação da tese a outras discussões econômicas (Boettke e Rizzo, 1995, xiii), seja por outros autores que propuseram aplicá-la teórica ou empiricamente. Os livros de Kirzner tornam evidente a sua preocupação em apresentar e defender uma teoria sobre o funcionamento dos mercados com inspiração austríaca por meio da

tese da ação empresarial (Kirzner, 2011 [1963]; 2013 [1973]; 1979; 1992; 2000)⁵.

Kirzner é um teórico ativo, que continua publicando mesmo após sua aposentadoria como professor na *New York University* em 2000 (e.g. Kirzner, 2017; 2019a; 2019b). Sua contribuição é vasta, compreendendo a publicação de pelo menos 11 livros, a edição de outros cinco e a publicação de mais de uma centena de artigos (Boettke e Sautet, 2009, xi). Embora tenha tratado sobre teoria austríaca na maioria de seus trabalhos, sua obra diversificou-se para discutir, com base no Austrianismo, temas que surgiram em outras escolas. Isso se verifica nas resenhas de livros, comentários e respostas que escreveu (e.g. Boettke *et al.*, 2002).

Nessas obras, em especial em seus livros, Kirzner recorrentemente faz comparações entre abordagens teóricas diversas sobre determinado tema antes de expressar sua própria interpretação. Ou seja, é possível identificar na escrita kirzneriana a tentativa de fazer com que as diferenças entre as abordagens ilustrem a validade da posição austríaca assumida por ele. Isso foi notado pelas resenhas escritas por Pfouts (1968), Barreto (1986), Moser (1992), Blaug (1993), Robertson (1993) e Rosner (2003) acerca de algum livro específico de Kirzner, mas tais autores não observaram a repetição dessa estratégia comparativa por parte do autor em diferentes textos⁶. Uma sugestão neste sentido é encontrada em uma carta escrita por Caldwell (2018), que faz referência direta ao uso de comparações teóricas por Kirzner⁷.

A forma como os primeiros livros de Kirzner estão estruturados corroboram essa percepção e indicam um material a ser analisado sob essa perspectiva. Por exemplo, seu primeiro livro, *The Economic Point of View* (2009 [1960]), divide-se entre capítulos que comparam diferentes interpretações do objeto na Ciência Econômica ao longo do tempo. Seu terceiro livro, *An Essay on Capital* (2010a [1966]), procura defender uma perspectiva austríaca-misesiana para a teoria do capital e dos juros, contrastando-a tanto com uma visão austríaca alternativa quanto com as versões defendidas na “Controvérsia de Cambrid-

⁴ Fonte: https://www.washingtonpost.com/news/volokh-conspiracy/wp/2014/09/29/israel-kirzner-for-the-nobel-prize-in-economics/?utm_term=.c5b254aa7aa1 (Acesso em 03.08.2020). Essa previsão foi realizada pela *Thomson Reuters*, que foi adquirida pela *Clarivate Analytics*, conforme informação disponível em: <https://www.prnewswire.com/news-releases/acquisition-of-the-thomson-reuters-intellectual-property-and-science-business-by-onex-and-baring-asia-completed-300337402.html>. (Acesso em 03.08.2020).

⁵ Os anos apresentados em colchetes referem-se aos das publicações originais das obras mencionadas, para contextualizá-las historicamente.

⁶ Destaque-se também o texto de Plehwe (2020), que mostra como Kirzner, em pelo menos um artigo e um livro, propõe explicitamente uma contraposição entre sua abordagem da atividade empresarial e a de Schumpeter.

⁷ A partir da menção à carta de Caldwell, Casonato e Angeli (no prelo) também fazem referência ao termo “abordagem comparativa”. Neste texto os autores observam a disposição de Kirzner em promover comparações teóricas entre a Escola Austríaca e outras perspectivas em seus textos menos conhecidos para fins de engajamento profissional. O presente artigo avança nesta agenda ao trazer novos indícios para a existência desse estilo argumentativo na obra kirzneriana. Adiante, são exploradas outras possíveis motivações retóricas para o uso desse estilo argumentativo e se discute como isso independe do papel que Kirzner tem como historiador do pensamento econômico, além de analisar como tal método influenciou os livros do autor.

ge⁷⁸. Em seu quarto e principal livro, *Competition and Entrepreneurship* (2013 [1973]), Kirzner faz uma defesa da teoria da ação empresarial em capítulos que a contrastam com as visões *mainstream* da teoria dos preços, das estruturas de mercado e do equilíbrio geral⁹.

É esse estilo argumentativo, em que se prioriza apresentar determinado fenômeno sob uma perspectiva alternativa necessariamente antes de levá-lo à própria interpretação, que está sendo aqui denominado de “abordagem comparativa”. Seguindo o *insight* de Caldwell (2018), que encontra correspondências particulares nas resenhas apresentadas acima, o presente artigo analisa a obra de Kirzner em busca de evidências que o corroborem.

O objetivo deste artigo é mostrar que Kirzner utiliza essa “abordagem comparativa” como forma de expor seu pensamento econômico. Será mostrado que esse estilo de argumentação lhe serve como forma de apresentar e defender sua própria perspectiva acerca dos temas tratados por ele. Assim, esse estilo argumentativo permite a Kirzner aproximar-se, levando consigo as ideias da EA, das outras correntes econômicas, especialmente do *mainstream*.

Conquanto a importância da contribuição teórica de Kirzner, ou sua relevância para a EA, verifica-se que os trabalhos que trataram de alguma maneira de sua obra não apontaram explicitamente para essa característica do autor na exposição das suas ideias. Suprir essa ausência torna-se relevante para a compreensão da contribuição teórica de um autor de tamanha importância, bem como da escola de pensamento que ele ajudou a recuperar, permitindo um entendimento melhor acerca de ambos.

O restante do artigo está dividido como segue. A segunda seção apresenta a definição de “abordagem comparativa” e justifica sua utilização por Kirzner na postura de engajamento com o restante da profissão iniciada durante a recuperação da EA na década de 1970. Na terceira seção é analisada a utilização de tal estilo argumentativo por Kirzner em sua obra. Por fim, a quarta seção traz as conclusões do artigo.

2. A abordagem comparativa como ferramenta de engajamento profissional

Com o termo “abordagem comparativa” este artigo quer identificar um estilo de argumentação específico na discussão de um determinado tema. Esta forma de tratar um assunto se manifesta quando o autor apresenta seu ponto de vista com base em outra perspectiva sobre um mesmo objeto. Assim, no lugar de discutir diretamente o tema em questão, apresentando

aquilo que se pensa sobre ele, a discussão inicia com o resgate de uma ou mais perspectivas, geralmente predominantes, antes de se passar à análise com base no próprio ponto de vista que se quer defender.

A retomada de uma versão alternativa para interpretar o mesmo assunto permite atender a objetivos diversos, tais como: (a) situar o leitor em uma base comum sobre o tema antes de reivindicar uma perspectiva própria; (b) apontar alguma falha na argumentação da proposta inicial para mostrar como uma correção leva à adoção do ponto de vista que se quer defender; (c) utilizar a visão comumente admitida sobre o tema como forma de promover o próprio posicionamento na discussão; etc. Independentemente da leitura que é feita sobre a motivação no uso desse estilo de argumentação, todas convergem para o fato de um autor debruçar-se sobre uma interpretação teórica antes de manifestar sua própria consideração.

Uma sugestão para interpretar a utilização dessa “abordagem comparativa” e sua importância na obra de Kirzner é considerar sua postura de engajamento na profissão. Por meio dessa atitude o autor supera as barreiras existentes entre diferentes correntes de pensamento econômico para a discussão dos mais diversos temas em debate e apresenta o posicionamento austríaco ao público destas escolas.

A postura de engajamento tem sido incentivada na história recente do Austriacismo. Por exemplo, Vaughn (1994, 178) afirma que existe um conjunto de ideias mantidas vivas no pensamento austríaco à revelia da “hostilidade do *mainstream*”. Para a autora, tal conjunto não deve ser mantido isolado em um pensamento unicamente austríaco, mas compartilhado pelas correntes heterodoxas que possuam pontos de vista semelhantes. Koppl (2006, 237-238), na crença da emergência de uma nova ortodoxia econômica que estaria baseada em um “*mainstream* heterodoxo”, defende que os economistas Austríacos devam participar ativamente desse movimento, trabalhando junto a outras correntes.

Boettke (2011, 21) afirma que mesmo Mises e Hayek já buscavam ativamente interagir com seus pares, recusando isolar-se do restante da profissão. Com isso, defendeu que os economistas austríacos busquem bases teóricas comuns aos demais economistas para progredir na discussão dos problemas econômicos. Para o autor, admitir o brilhantismo de Mises e Hayek deveria incentivar a disseminação de suas ideias, e não o seu confinamento.

Se a postura de aproximação ao restante da profissão é desejável, durante o resgate da Escola Austríaca do seu ostracismo durante o período 1950-1960 ela era necessária, e a literatura acerca de Kirzner já o reconhece como um profissional engajado. Vaughn

⁸ “Controvérsia de Cambridge” é como ficou conhecida a discussão do período 1950-1970 entre os economistas de Cambridge (principalmente Sraffa e Robinson) e os economistas do MIT (notadamente Samuelson e Solow) sobre a medição agregada do capital. O tema do debate foi a relevância de se considerar uma massa de capital heterogêneo sob a mesma agregação, nas funções de produção, para as teorias neoclássicas de distribuição marginal do produto (Cohen e Harcourt, 2003, 200).

⁹ Kirzner utiliza os termos *mainstream*, neoclássico(a), tradicional, padrão e convencional como sinônimos para designar o corpo teórico predominante na Economia, principalmente no tratamento da teoria dos preços, e o intercâmbio entre eles será mantido neste artigo.

(1992, 260; 1994, 5) afirma que Kirzner destacou-se de seus pares na EA durante o *Austrian Revival* na década de 1970 por estar mais alinhado à escola neoclássica. Para Koppl (2002, 11), Kirzner apresentou em 1973 uma teoria da atividade empresarial para todo o restante da profissão, enquanto Douhan *et al.* (2007, 222) leem essa contribuição kirzneriana como evidenciando para todos os economistas a negligência do papel do empresário.

Defende-se que a “abordagem comparativa” tenha sido utilizada por Kirzner em razão da importância atribuída por ele ao engajamento profissional. Isto é verificado na sua predisposição ao debate dos diversos temas econômicos à luz do Austrianismo, em vez de confinar-se à discussão e desenvolvimento da teoria austríaca exclusivamente. Essa atitude, de buscar se aproximar das outras correntes econômicas, se destaca por não ser consenso entre seguidores da EA, como discutido por Angeli (2018, 692-695).

Se isso é verdadeiro, e Kirzner é de fato um profissional engajado no debate da teoria econômica, e diferenciado de seus pares na EA por esta postura, reconsiderar sua obra com base na “abordagem comparativa” ilustra a tentativa do autor em aproximar-se, levando consigo o Austrianismo, de outras correntes econômicas por meio das comparações. Exemplos disso são as defesas que o próprio Kirzner fez do engajamento profissional. Em 1989 defendeu que os seguidores do Austrianismo saíssem do isolamento para debater com outras abordagens econômicas em prol do progresso científico (Kirzner, 1989, 235). Já em 1997, reconhecendo que o Austrianismo não viria a ser predominante na profissão, apontou como objetivo para os adeptos da EA a defesa da busca pela validade nas conclusões científicas (Kirzner, 1997b, 152-153).

Não existem outros trabalhos que tenham apontado para essa particularidade no estilo de argumentação de Kirzner, mas os dois indícios citados na introdução corroboram a sua existência, quais sejam, o conjunto de resenhas sobre os livros de Kirzner e a carta de Caldwell. Quanto ao primeiro indício, tomam-se como base as resenhas escritas por Pfouts (1968), Barreto (1986), Moser (1992), Robertson (1993) e Rosner (2003), autores que apontaram para o fato de a obra analisada por eles estar buscando uma comparação com outra abordagem econômica¹⁰.

Quanto ao segundo indício, tem-se a carta de Caldwell (2018) para endosso da nomeação de Kirzner

para “*Distinguished Fellow Award*” de 2018 da *History of Economics Society*¹¹. Neste documento Caldwell afirma que “[p]recisely because he works within the Austrian tradition, Kirzner often draws on history to make comparisons between the views he endorses and those he criticizes, and often the criticisms are methodological”¹². Logo, há nessa passagem uma referência à postura kirzneriana em dialogar retoricamente com base nas comparações, ponderada pela influência do Austrianismo na obra de Kirzner.

McCloskey (1998 [1985], p. 14) afirma que os economistas empregam narrativas para dar sentido lógico aos mecanismos que querem explorar de causa e consequência. Assim, aqueles que seguem diferentes escolas irão discordar sobre as conclusões, já que o resultado econômico dependerá daquilo que acontece durante a narrativa, justamente o que muda entre as escolas. Isso é associável ao que se está propondo como “abordagem comparativa” por sugerir uma explicação para Kirzner resgatar uma visão sobre determinado fenômeno antes de passar à sua própria abordagem. Nesta interpretação, a retórica kirzneriana seria uma tentativa de mostrar conclusões teóricas alternativas a partir de um mesmo objeto.

De fato, Kirzner foi premiado pela HES por suas contribuições como historiador do pensamento econômico, justamente a área em que Caldwell (2018) situou a iniciativa kirzneriana de fazer uso de comparações entre diferentes visões. Isto poderia sugerir que a “abordagem comparativa” na obra de Kirzner reflete esta temática. Porém, a despeito do uso da “abordagem comparativa” ser razoavelmente comum por diferentes autores ao longo da História do Pensamento Econômico (HPE), chama a atenção o fato de Kirzner a utilizar de forma consistente e recorrente ao longo de suas obras, principalmente nas de cunho teórico.

Portanto, a “abordagem comparativa” na obra de Kirzner é especial por refletir duas características do seu pensamento econômico: (i) uma postura estabelecida em momento anterior ao *Austrian Revival*, de buscar a aproximação entre a EA e outras abordagens, como forma de contribuir com a recuperação desta escola de pensamento no meio acadêmico; e (ii) a visão particular de Kirzner sobre como o Austrianismo deveria se relacionar frente a economia, o engajamento profissional orientado pelo progresso científico.

¹⁰ Pfouts (1968, 196), ao resenhar o “*An Essay on Capital*”, afirma que Kirzner apresenta sua visão acerca da teoria do capital para “avaliar e criticar” outras teorias sobre o tema. Barreto (1986, 529), na resenha do livro “*Discovery and the Capitalist Process*”, considera que a teoria da atividade empresarial serve a Kirzner como defesa do caminho intermediário entre as visões neoclássica e do subjetivismo radical para a teoria econômica. Moser (1992, 721), Blaug (1993, 757) e Robertson (1993, 557-558), resenhando o “*The Meaning of Market Process*”, também perceberam a busca kirzneriana por abordar a teoria do processo de mercado em contraste com as versões neoclássica e do subjetivismo radical. Para Rosner (2003, 192-193), resenhando o livro “*The Driving Force of The Market*”: “[t]he main topic of all the essays is the presentation of the Austrian view against mainstream economics and some clarification within this school [...]”.

¹¹ Mauro Boianovsky, presidente do comitê de nomeação ao “*Distinguished Fellow Award*” de 2018 da *History of Economics Society* (HES), em documento explicando a escolha de Kirzner, aponta que Caldwell teria endossado a designação do autor ao prêmio, mostrando na carta que Kirzner vale-se da História do Pensamento Econômico para comparar a abordagem que defende com relação às demais. O texto de Boianovsky está disponível em: https://historyofeconomics.org/wp-content/uploads/2018/06/Kirzner_Distinguished-Fellow-1.pdf (acesso em 02/03/2020).

¹² Os autores agradecem a Bruce Caldwell pela gentileza de ter disponibilizado a carta de endosso à nomeação do prêmio da HES que não fica disponível ao público no site da organização.

3. A obra kirzneriana à luz da “abordagem comparativa”

Para fins de investigação da “abordagem comparativa” nos trabalhos de Kirzner, a obra kirzneriana será representada por meio de quatro livros publicados pelo autor entre 1960-1990, período que envolve o *Austrian Revival* da década de 1970. Como cada uma dessas publicações ocorreu em uma década diferente, é possível afirmar que elas ilustram diferentes momentos na agenda de pesquisa kirzneriana, embora mantenham como elementos comuns a retórica por comparações e a defesa da teoria austríaca.

Esse material foi selecionado para análise considerando que o conjunto dos livros de Kirzner se divide entre os que contiveram ou não conteúdo original quando da sua publicação. Isso porque, embora a maior parte desses livros possa ser tomada como coletâneas de textos (Boettke e Sautet, 2013, ix), naqueles que tiveram conteúdo predominantemente

original as ideias foram apresentadas de maneira interdependente ao longo de cada obra, realçando a importância da abordagem comparativa. Situação que é diferente para os livros em que o autor reuniu artigos independentes, já publicados anteriormente.

Direcionar a investigação pretendida para uma parcela particular dos livros de Kirzner não prejudica a análise. Antes, este recorte permite avançar com relação a literatura existente sobre a obra kirzneriana, uma vez que no grupo dos “não originais” predominam os livros cujas resenhas indicam a existência da “abordagem comparativa” nos textos de Kirzner.

O quadro 1 sintetiza a lista com os 12 livros encontrados que Kirzner publicou até hoje, identificando o ano da publicação e se seu conteúdo foi admitido como original ou não seguindo o entendimento apresentado anteriormente.

Quadro 1. Livros publicados por Kirzner entre 1960 e 2001

	Livro	Ano de publicação	Conteúdo
1	<i>The Economic Point of View</i>	1960	Original
2	<i>Market Theory and the Price System</i>	1963	Original
3	<i>An Essay on Capital</i>	1966	Original
4	<i>Competition and Entrepreneurship</i>	1973	Original
5	<i>Perception, Opportunity, and Profit</i> ¹	1979	Não original
6	<i>Discovery and the Capitalist Process</i> ²	1985	Não original
7	<i>Discovery, Capitalism and Distributive Justice</i>	1989	Original
8	<i>The Meaning of Market Process</i> ³	1992	Não original
9	<i>Essays on Capital and Interest</i> ⁴	1996	Não original
10	<i>How Markets Work</i> ⁵	1997	Original
11	<i>The Driving Force of the Market</i> ⁶	2000	Não original
12	<i>Ludwig Von Mises</i>	2001	Original

Fonte: Elaboração própria a partir das informações da pesquisa.

¹ Embora esse livro tenha trazido quatro trabalhos originais, outros nove capítulos são artigos já publicados anteriormente pelo autor (Kirzner, 1979, xiii- xiv), justificando sua inclusão no grupo dos não originais.

² Teve sua estratégia comparativa mencionada na resenha escrita por Barreto (1986).

³ Teve sua estratégia comparativa mencionada nas resenhas escritas por Moser (1992), Blaug (1993) e Robertson (1993).

⁴ Republicação do “*An Essay on Capital*” de 1966 com a adição de uma introdução e de dois artigos anteriormente publicados, justificando o mesmo livro aparecer nas duas listas, tanto em sua forma original como após a adição de conteúdo.

⁵ Na introdução deste trabalho, Kirzner (1997a, 9) se refere a esse material como um artigo, da mesma forma como ele é descrito por Boettke e Sautet (2018b, xii-xiii) durante a reorganização dos textos de Kirzner no “*The Collected Works of Israel M. Kirzner*”. Porém, o material aparece referenciado como livro na lista das obras de Kirzner (Boettke *et al.*, 2002, 1), e optou-se por seguir essa última interpretação, já que o texto foi publicado impresso e de maneira individual.

⁶ Teve sua estratégia comparativa mencionada na resenha escrita por Rosner (2003).

Dos sete livros que trouxeram material original quando da sua publicação, três deles não têm seu conteúdo discutido por meio de comparações com outras correntes teóricas. De maneira geral, a abordagem diferenciada para esses materiais pode ser explicada por sua natureza distinta com relação a dos demais livros publicados pelo autor. Uma verificação do ob-

jeto particular de cada um destes três livros confirma isso, e permite argumentar o porquê Kirzner dotou-os de uma apresentação própria que, vale notar, não foi repetida entre eles.

O primeiro destes três livros é o “*The Economic Point of View*” (Kirzner, 2009 [1960]), publicado a partir de um desenvolvimento feito por Kirzner

de sua tese de doutorado em Economia que fora orientada por Mises (Boettke e Sautet, 2009, xvi)¹³. Embora uma análise da obra evidencie que ela traz comparações entre autores e visões econômicas diversas, isso resulta da relação de interdependência com o escopo da proposta do livro, uma revisão do objeto da Ciência Econômica na HPE¹⁴. Isso foi notado pelas resenhas deste material escritas por Grampp (1961) e Zingler (1961), e mencionado por Caldwell (2018) como uma das contribuições de Kirzner ao campo da HPE para justificar a indicação ao prêmio da HES¹⁵.

O segundo livro é o *Market Theory and the Price System* (Kirzner, 2011 [1963]), cuja peculiaridade reside na proposta de servir de manual introdutório à microeconomia com inspiração na teoria austríaca¹⁶. Kirzner objetivou com este material oferecer aos estudantes de economia um livro-texto sobre o funcionamento do mercado baseado no Austriano, e por isso não recupera outras abordagens ao longo da obra.

No terceiro e último destes três livros, *Ludwig Von Mises* (KIRZNER, 2001), Kirzner volta novamente ao papel de historiador do pensamento econômico ao discorrer sobre a história e a teoria do personagem que dá nome à obra¹⁷. Nesta tarefa, entretanto, acaba promovendo algo próximo a uma biografia de Mises, sem qualquer necessidade de discutir outras abordagens teóricas ao longo da obra.

Excluídos estes três livros entre os sete publicados por Kirzner considerados de conteúdo original quando da sua primeira publicação, chega-se aos quatro livros selecionados para a investigação proposta neste artigo: *An Essay on Capital, Competition and Entrepreneurship, Discovery, Capitalism and Distributive Justice* e *How Markets Work*. As subseções abaixo introduzem o contexto de cada um deles e analisam suas estruturas e conteúdo para ilustrar a importância da “abordagem comparativa” no pensamento econômico de Kirzner.

3.1. Uma teoria austríaca-misesiana do capital no contexto da “Controvérsia de Cambridge”

O contexto da publicação do livro “*An Essay on Capital*” por Kirzner em 1966 é marcado por dois eventos daquela década. O primeiro foi a missão assumida pelo autor em divulgar as ideias de Mises para o res-

tante da profissão, buscando fugir ao isolamento em que Kirzner se via, esclarecendo para os economistas as ideias misesianas. Essa iniciativa já se encontrava materializada nos seus primeiros trabalhos, especialmente nos dois primeiros livros, o *The Economic Point of View* que buscou defender a visão praxeológica de Mises para a Ciência Econômica, e o *Market Theory and the Price System* que objetivava servir de livro-texto com as ideias Austríacas para o campo da microeconomia.

O segundo episódio foi a “Controvérsia de Cambridge”. Como se sabe, este debate tratou da possibilidade de se admitir o capital como um *quantum* simplificado nos modelos econômicos, ignorando a heterogeneidade que confere especificidades a cada bem de capital como fator de produção. É neste cenário, em complemento à missão kirzneriana de difundir as ideias de Mises entre os economistas, que Kirzner publica o terceiro livro de sua carreira em 1966, o *An Essay on Capital*.

A estruturação deste livro mostra a intenção de Kirzner de comparar a perspectiva misesiana apresentada com as versões concorrentes na explicação do capital e dos juros. O material originalmente publicado é dividido em quatro capítulos que tratam, respectivamente: do capital como planos inacabados dos indivíduos (Kirzner, 2010a [1966], 15-49); da diferenciação entre estoque e fluxo (Kirzner, 2010a [1966], 50-74); da relação entre capital e tempo (Kirzner, 2010a [1966], 75-100); e da medição do capital (Kirzner, 2010a [1966], 101-133). Kirzner encerra o livro justamente com o tema central da “Controvérsia de Cambridge”, discutindo a possibilidade de agregar e/ou medir o capital.

É notável que quase todos os temas que configuram a estruturação do livro, sendo o primeiro introdutório uma exceção, poderiam ser analisados pelo autor de maneira independentemente de outras visões teóricas, dada a interdependência existente entre eles como integrantes de uma única teoria austríaca do capital. Porém, esses assuntos são separados de modo a permitir comparações com outras propostas existentes na literatura acerca deles, o que é condizente com o objetivo que tem Kirzner em explorar uma teoria austríaca do capital alternativa àquelas existentes.

Reforço da intenção de aproximação por Kirzner é a própria menção ao debate do capital na introdução inserida pelo autor quando da republicação do livro –

¹³ O livro buscou defender a emergência de uma visão praxeológica da Economia, como uma ciência da ação humana, tal qual defendida por Mises (Kirzner, 2009 [1960], 151-152; MOSS, 2009 [1975], xxi; Boettke e Sautet, 2009, xviii).

¹⁴ Como trabalho no campo da HPE, tanto Mises (2009 [1960], xxvi) quanto Boettke e Sautet (2009, xvi) a partir do primeiro, destacam a relevância de se comparar os diferentes estados teóricos da Economia ao longo do tempo como forma de apontar erros e acertos no desenvolvimento da disciplina.

¹⁵ A exclusão deste livro da análise ajuda a esclarecer que a “abordagem comparativa” em Kirzner não guarda relação de dependência com seus trabalhos na área de HPE já que, como se pretende mostrar, ela permeia a obra do autor mesmo na discussão teórica. Conquanto a retirada deste material, é importante apontar que mesmo nesse livro já está presente o engajamento profissional kirzneriano que se quer destacar, porque Kirzner busca mostrar cada uma das visões acerca do objeto da Economia sob o ponto de vista misesiano. Pode-se afirmar que ele acaba por defender a generalidade do “ponto de vista” praxeológico na Ciência Econômica, mostrando-o implicado em cada um dos “pontos de vista” assumidos pelos economistas ao longo do tempo.

¹⁶ Do prefácio do livro: “[t]he author’s excuse for adding yet another book to the elementary literature in this field [microeconomia] is that his approach, while in no sense original, presents the subject in an entirely different light” (Kirzner, 2011 [1963], xvii).

¹⁷ Do prefácio do livro: “[w]hat I have sought to present [...] is the *story of Mises in his role of economist*” (Kirzner, 2001, xi, *italico original*).

o que confirma sua intenção, pelo menos posterior, de contrastar sua visão teórica com aquelas da controvérsia. De acordo com Kirzner (2010b [1996], 2-3), o debate das duas Cambridge admitiu a influência do Austrianismo por meio das contribuições de Böhm-Bawerk para a teoria do capital e dos juros. Porém, essa não seria a única versão austríaca dos temas, já que havia a proposição desenvolvida por Mises, originalmente apresentada por Fetter, seguindo os caminhos subjetivistas iniciados por Menger. Tal negligência, para Kirzner, tornou o debate incompleto e inconclusivo, já que a teoria de Mises para o capital e os juros não incorreria nas falhas deixadas pelas demais propostas (Kirzner, 2010b [1996], 2-3). Ou seja, é notável que o mérito da teoria austríaca-misesiana para Kirzner é avançar com relação às teses existentes.

No *An Essay on Capital*, Kirzner (2010a [1966]) utiliza a noção misesiana de capital para conceituá-lo como a manifestação material dos planos inacabados dos agentes, resultado direto das escolhas individuais, decididas em momento anterior à formação desse capital, quando o indivíduo já prospectou a necessidade de um intervalo de tempo para a concretização de seus objetivos. A existência do capital, portanto, sinaliza a incompletude de tais planos, implicando que os objetivos do tomador de decisão ainda não foram alcançados.

A visão kirzneriana busca fugir à ideia de reversibilidade do capital, noção que remete a existência do capital de maneira direta às suas origens físicas, porque isso permitiria considerá-lo reproduzível independentemente do processo decisório individual. Para Kirzner, essa interpretação estaria levando a leituras equivocadas, como admitir o capital dotado de uma produtividade inerente, ou de que sua durabilidade teria relevância em razão da aparente propriedade intrínseca do capital em transformar fluxos de serviços nos fluxos de produtos.

Por um motivo ou outro, Kirzner associa a visão acima a autores conhecidos em suas abordagens sobre o capital. Hicks é criticado por não considerar a intencionalidade dos planos individuais durante a constituição do capital (Kirzner, 2010a [1966], 59-60). Knight é acusado de negligenciar a existência do tempo entre a transformação dos *inputs* em *outputs* (Kirzner, 2010a [1966], 78). A interpretação Clark-Knight, que resolveria a questão do descuido com relação ao tempo, não foge à depreciação por Kirzner, já que estaria direcionada à explicação da origem dos juros (Kirzner, 2010a [1966], 75). Até autores com inspiração austríaca tem seus erros apontados, como Dorfman por ter dado tratamento apenas objetivo ao tempo, ignorando seu efeito sobre as expectativas (Kirzner, 2010a [1966], 86).

A “abordagem comparativa” é importante neste livro não apenas para explorar o tema de cada capítulo, mas como pano de fundo para seu objetivo principal: a defesa de uma teoria austríaca do capital mais subjetiva, que não cairia nos erros apontados

por Kirzner nas demais propostas debatidas em seu contexto. Essa iniciativa também revela o engajamento profissional do autor, seja pela divulgação das ideias misesianas para o capital ou pelo momento em que isso é realizado, aproveitando-se do debate contemporâneo aos economistas.

3.2. Uma teoria austríaca sobre o mercado no contexto de retorno à microeconomia

Kirzner publicou seu quarto livro ainda no começo dos anos 1970, sua principal obra e pela qual ficaria mais conhecido. *Competition and Entrepreneurship* se destacou na literatura econômica por vários fatores, especialmente por: (i) constituir uma versão teórica para o processo de mercado no austrianismo; (ii) fornecer uma tese sobre o funcionamento do mercado concorrente à interpretação tradicional da época; bem como (iii) propor uma teoria para a atividade empresarial que recuperava a figura do empresário na economia. Em comum a todos esses aspectos está a função empresarial que é destacada na obra.

Ainda no prefácio do livro, Kirzner (2013 [1973], xv) justifica apresentar sua contribuição naquele momento em razão do interesse renovado acerca da teoria dos preços – o funcionamento do mercado/a microeconomia – por parte dos economistas da época. Isso teria despertado um debate em que várias proposições teóricas se viram concorrentes, candidatas a substituir a versão tradicional, mas descartadas conforme suas falhas foram explicitadas. Apesar disso, a visão austríaca, anterior à publicação kirzneriana, estaria sendo negligenciada nessa discussão, justamente aquela que, para Kirzner, não incorreria nos erros destacados nas demais propostas. Assim, novamente aparece a característica engajada do autor em oferecer o posicionamento Austríaco acerca do tema em destaque no período.

Apesar da tentativa de Kirzner em participar dessa discussão, para Boettke e Sautet (2013, ix-x) o livro teve pouco impacto sobre o *mainstream* na época pela recusa dos economistas treinados na teoria tradicional em aderir a uma proposta sem formalização matemática. Possibilidade predita na época por Klein (1975, 1308), que ao resenhar o livro afirmou que: “[b]ecause of its peculiar methodology and language, this book is unlikely to have a large impact on the profession”.

Apesar de o conteúdo do livro ter sido apresentado de uma maneira que escapava ao interesse dos economistas, cabe investigar qual foi a forma com que Kirzner buscou estabelecer o diálogo com eles. Em Vaughn (1992, 253) há a sugestão de que a estruturação utilizada no livro parece ter objetivado alcançar o interesse do corpo principal da profissão, indicando que a forma de como o livro está organizado revela a busca kirzneriana por aproximação. Com base na análise da organização do livro é possível atestar que Kirzner procurou remeter todos os assuntos a pelo

menos uma teoria alternativa antes de oferecer a visão austríaca-empresarial defendida por ele.

No primeiro capítulo, “*Market Process Versus Market Equilibrium*”, Kirzner faz um resumo de todo o livro, já buscando contrastar sua posição com a teoria tradicional nos pontos abordados na obra (Kirzner, 2013 [1973], 1-23). No segundo capítulo, “*The Entrepreneur*”, Kirzner traz sua principal contribuição, a defesa de uma função empresarial na ação humana que é anterior à atividade maximizadora da teoria tradicional (Kirzner, 2013 [1973], 24-69). Seu terceiro capítulo, “*Competition and Monopoly*”, apresenta a visão austríaca-empresarial acerca dos conceitos de competição, competição monopolística e monopólio em contraste com seus usos na teoria ortodoxa, bem como usa a competição empresarial para diferenciar a tese kirzneriana com relação a Schumpeter (Kirzner, 2013 [1973], 70-107).

O quarto capítulo, “*Selling Costs, Quality, and Competition*”, propõe um avanço com relação à teoria tradicional da competição, apresentando outras estratégias de concorrência já discutidas na literatura (Kirzner, 2013 [1973], 108-149). O quinto capítulo, “*The Long Run and the Short*”, diferencia o curto do longo prazo com base na teoria da ação empresarial, defendendo que essa separação na teoria tradicional não explica decisões e resultados individuais com base nos planos de ação (Kirzner, 2013 [1973], 150-169). Por fim, no sexto capítulo, “*Competition, Welfare, and Coordination*”, Kirzner faz uma abordagem normativa do processo de mercado. Mostra como a teoria tradicional do bem-estar, embasada no estado de equilíbrio preexistente, não é capaz de apontar as alterações necessárias para a coordenação à luz das mudanças sistemáticas que ocorrem no mercado (Kirzner, 2013 [1973], 170-194).

O conteúdo deste material também corrobora a impressão de que Kirzner intencionou aproximar-se da corrente principal na economia fazendo referências diretas a ela. A tese central que norteia o livro de Kirzner (2013 [1973]) é de que há uma propensão humana à ação empresarial, uma atitude especulativa na busca por ganhos econômicos, que coloca em movimento o processo de mercado. Seguindo a ordem dos capítulos da obra, essa ideia foi usada principalmente para:

- i. **diferenciar** o foco da análise econômica entre as teorias neoclássica e austríaca, entre equilíbrio e processo, respectivamente, para defender que os resultados observáveis do mercado (como preço, quantidade e qualidade) sejam explicados, e não considerados condições dadas que satisfazem diferentes pontos de equilíbrio econômico.
- ii. **diferenciar** o agente econômico entre as teses neoclássica e austríaca por meio do estado de alerta, admitido nesta última, que avança ao capacitar o indivíduo ao aprendizado e especulação, endogenizando as mudanças no sistema econômico e, com isso, superando a preocupação exclusiva com

a alocação eficiente; **contrastar** a função que o empresário tem em Schumpeter, de criar novidades que rompem com o equilíbrio, com o da tese defendida por Kirzner, de melhor atender os interesses manifestados pelos indivíduos e coordená-los em direção ao equilíbrio; **apontar** uma diferenciação específica no entendimento da atividade empresarial entre a tese de Knight, que entende o lucro como um resíduo incerto, e a de Kirzner, para quem a possibilidade de lucro tem que ser esperada para motivar a ação empresarial; **mostrar** como a teoria da atividade empresarial deriva da contribuição de Mises.

- iii. **diferenciar** os conceitos de competição (seja ela perfeita ou monopolística) e monopólio entre as abordagens neoclássica e austríaca, já que na primeira eles referem-se a estados de coisas caracterizados pelo número de vendedores, enquanto na segunda eles são processos (a competição enquanto concorrência na busca por superação e o monopólio como situação em que há o controle de algum insumo necessário à produção para o qual não existe substituto próximo); **afastar** a proposta de Chamberlin de considerar a diferenciação de produtos como uma segmentação do mercado, já que na visão de Kirzner os empresários competem distinguindo atributos entre os produtos que oferecem; **distanciar** a concorrência de Schumpeter, obtida pelo pioneirismo na inovação em produtos e processos, em relação àquela mais ampla usada por Kirzner que parte da exploração de um diferencial de preços.
- iv. **diferenciar** as formas de concorrência admitidas nas versões neoclássica e austríaca para a competição, já que a primeira se restringe às disputas via preço, enquanto a segunda avança para incluir tipos e qualidades dos produtos – estes últimos transformados, desta forma, eles mesmos em variáveis econômicas; **criticar** Chamberlin por sua proposta de diferenciar custos de produção e de venda, já que na visão empresarial de Kirzner qualquer custo incorrido pelo empresário é um esforço feito tendo como objetivo final o lucro obtido no atendimento dos consumidores.
- v. **diferenciar** a separação entre curto e longo prazo das escolas neoclássica e austríaca, porque na interpretação ortodoxa são distinguidos com base em alguma medida objetiva de tempo: um intervalo temporal longo, ou um período em que se esgotam todos os lucros de uma atividade econômica, ou ainda pela espera necessária para aumentar substancialmente a capacidade produtiva; na versão empresarial do Austrianismo o longo prazo é definido pela perspectiva de existirem diferentes oportunidades de lucros totais ao empresário que não tomou nenhuma decisão em relação a elas, diferente do curto prazo quando alguma ação empresarial já foi tomada em uma destas direções – implicando em custos irrecuperáveis.
- vi. **diferenciar** o papel normativo que cumpre a noção de equilíbrio econômico entre os seguido-

res das tradições neoclássica e austríaca para a compreensão do mercado, porque na primeira ele é usado com base na preocupação com as condições que a sociedade deve satisfazer para que seja alcançado, enquanto na segunda ele é tomado como um ponto de referência que ajuda a explicar o que ocorre no processo de concorrência empresarial entre os agentes econômicos; **distinguir** entre as abordagens neoclássica e austríaca para o problema econômico que é enfrentado pela sociedade e solucionado pelo mercado, respectivamente, “como alocar de maneira eficiente os recursos escassos pressupostos existentes” e “como permitir à sociedade melhorar o uso dos recursos admitidos como particulares e conhecidos apenas pelos indivíduos que os possuem”; **explicitar** o contraste entre as hipóteses sobre a informação que é assumida pelos neoclássicos, que a consideram completa, e os Austríacos que lhe tomam pela incompletude em razão de predominar a situação de ignorância; **separar** a forma como ocorre a coordenação entre a teoria ortodoxa, que se baseia na complementariedade entre decisões ótimas admitidas previamente como conhecidas, e a teoria austríaca que parte da disseminação do conhecimento entre os agentes para melhor uso de seus recursos; **destacar** uma ausência na argumentação de Coase em seu artigo seminal de 1937, sobre a alocação eficiente resultar da ausência de custos de transação, pelo fato de não existir ali uma explicação de como os agentes econômicos tornam-se conscientes das oportunidades de ganho no mercado, algo a que Kirzner atribui ao estado de alerta existente na sua teoria empresarial.

Neste livro o engajamento profissional de Kirzner é evidenciado em sua procura por tratar todos os temas existentes em sua obra à luz de pelo menos uma abordagem alternativa, qual seja, a teoria tradicional. O autor utiliza sua “abordagem comparativa” para contrastar o tema de cada capítulo à versão correspondente na teoria predominante, e adicionalmente a outras abordagens já de grande relevância à época.

3.3. Uma teoria austríaca da justiça no contexto do debate sobre justiça distributiva

Como visto, os livros publicados por Kirzner até a década de 1980 objetivaram levar a interpretação austríaca acerca do funcionamento da economia aos debates econômicos, sejam eles baseados ou não na “abordagem comparativa” que se está apresentando neste artigo. Em 1989, entretanto, Kirzner publicou seu sétimo livro, *Discovery, Capitalism and Distributive Justice*, que trouxe discussões sobre a moral e a ética da justiça distributiva no capitalismo. Tal feito se destaca pela continuação da “abordagem comparativa” como forma de engajamento profissional de Kirzner, que tomou como base a teoria austríaca do

processo de mercado em sua abordagem empresarial, e por avançar para além do tema estritamente econômico.

De acordo com Boettke e Sautet (2018a, 726), o período dessa publicação por Kirzner é marcado pelos debates acerca da justiça distributiva, o que explica a busca do autor em envolver-se nessa discussão e levar as ideias do Austríacismo. De fato, Kirzner (2016 [1989]) menciona no prefácio da obra que os posicionamentos sobre o tema estariam viciados por tomarem como referência econômica a teoria tradicional, *mainstream*, cuja base no equilíbrio pressupõe um resultado econômico dado.

Uma análise da organização do *Discovery, Capitalism and Distributive Justice* (Kirzner, 2016 [1989]) não mostra, à primeira vista, que este material esteja voltado à “abordagem comparativa”. Mas, certamente, seu conteúdo pode ser interpretado desta maneira se se tem como ponto de referência o terceiro capítulo da obra, que resgata as abordagens com as quais Kirzner promove comparações no restante do livro, permitindo maior objetividade nos demais capítulos.

No primeiro capítulo Kirzner introduz a obra para mostrar em que medida o material está circunscrito aos pontos que envolvem a análise econômica, e destacar o que há de errado com a literatura então existente sobre a justiça capitalista: criticar o capitalismo, enquanto sistema, a partir de um entendimento equivocado sobre o funcionamento do mercado (Kirzner, 2016 [1989], 5-22). Nesse início destacam-se a proposta geral do livro e o significado de algumas ideias que serão recuperadas ao longo da obra.

O segundo capítulo também é direto na apresentação do núcleo da versão empresarial da teoria austríaca para o processo de mercado com base na ideia de descoberta das oportunidades pelos agentes econômicos (Kirzner, 2016 [1989], 23-45). O capitalismo é considerado um arranjo de mercado guiado por decisões descentralizadas de agentes que não detêm o conhecimento completo disponível na economia, tal que por meio da interação vão descobrindo novas informações. Como estes indivíduos percebem oportunidades de lucro por meio do estado de alerta, seus ganhos não podem ser considerados advindos da sorte, porque algo motiva suas ações empresariais.

Assim, desses dois primeiros capítulos depreende-se a ideia central que está subjacente à proposta kirzneriana, a necessidade de diferenciar a crítica ao sistema capitalista dos ataques aos possíveis resultados que ele permite. Isso porque o capitalismo só seria passível de uma avaliação negativa enquanto arranjo de mercado se seu produto final fosse predeterminado. Mas este seria um vício da teoria econômica tradicional, já que sua ênfase no equilíbrio depende de se admitir um conhecimento do mercado que permita predizer com precisão as condições econômicas que prevalecerão no resultado econômico ainda a ser alcançado.

Quando a teoria austríaca é tomada como base, entende-se que o processo capitalista dependerá da

dinâmica do mercado, em razão dos caminhos que os indivíduos perseguirão a partir das suas descobertas de oportunidades. Desta forma, a avaliação do capitalismo enquanto sistema busca mostrar que ele, não tendo resultado predeterminado, deixa em aberto infinitas possibilidades, o que excluiria a possibilidade de avaliá-lo em termos de justiça.

Se o capitalismo não pode ser julgado em termos de justiça pelos múltiplos fins que torna factíveis, também não caberia avaliar um resultado particular porque, não sendo ele predeterminado, seria uma emergência espontânea da própria dinâmica econômica. Isso fica claro quando Kirzner recorre ao exemplo da “distribuição da torta” para mostrar que inexistente resultado econômico do mercado que seja anterior à sua distribuição. Nessa ilustração, considera-se pertinente julgar a justiça na distribuição da torta uma vez que ela esteja dada ou seja considerada preexistente. Porém, uma vez que a torta não exista ou não se saiba o tamanho que ela terá, perde validade discutir a justiça na sua distribuição.

No capítulo três do livro, Kirzner faz uma revisão da literatura econômica que estaria subsidiando os debates sobre a justiça distributiva na época (Kirzner, 2016 [1989], 46-71), centralizando aí sua “abordagem comparativa”. Isso decorre de o autor buscar mostrar que as teses existentes sobre o funcionamento da economia falham por não tratar do lucro puro enquanto incentivo que move o mercado. Para isso, então propõe buscar deliberadamente o tratamento do lucro puro nas bases econômicas que sustentam as teorias revisadas, as dos autores: John Bates Clark, Frederick Hawley, Frank Knight, Joseph Schumpeter, Ludwig von Mises, John Rawls e Robert Nozick.

Clark teria se equivocado por partir da teoria da produtividade marginal da distribuição, em que cada fator de produção é remunerado por sua contribuição ao produto. O erro aí seria, na ausência de uma explicação adequada para o lucro puro, admiti-lo como diferencial entre o mundo real e o previsto a partir das condições de equilíbrio (Kirzner, 2016 [1989], 51-52). A versão de Hawley é dispensada na análise kirzneriana por entender que o lucro é uma remuneração ao serviço empresarial prestado a partir de riscos conhecidos, o que seria incompatível com a abordagem de lucros descobertos (Kirzner, 2016 [1989], 57-58).

Em Knight, a quem Kirzner reconhece ter contribuições tanto para o papel econômico do lucro quanto da ética da competição, tem-se uma divisão na análise kirzneriana de acordo com o objetivo das obras consultadas. No tratamento do lucro por Knight, a que Kirzner credita como avanço baseado nos trabalhos de Clark e Hawley, o lucro seria resultante das mudanças econômicas, e não da ação ativa do empresário (Kirzner, 2016 [1989], 58-59). Já quando Knight trata da ética sobre a competição, a leitura kirzneriana é de que não há ali uma preocupação com a justiça dos lucros puros, de modo que a investigação recaí sobre o tratamento dos lucros em geral. Neste

ponto, Knight teria condicionado a sua justiça dos lucros ao esforço para obtê-los (Kirzner, 2016 [1989], 59-60). Segundo Kirzner, estas visões estariam equivocadas. Se a visão econômica estivesse errada por ignorar o papel ativo do empresário na descoberta/criação do lucro, a ética estaria enviesada por ignorar que o estado de alerta, permissor do lucro ao empresário kirzneriano, que ativamente encontra oportunidades de ganho ao especular sobre elas.

Na leitura kirzneriana a visão de Schumpeter se aproxima da sua abordagem de descoberta, pelo caráter ativo que tem a ação empresarial na obra deste autor. Porém, Kirzner destaca que a leitura schumpeteriana caracteriza a essencialidade do empresário por seu papel em liderar a ruptura com o padrão econômico vigente, não tanto pela ideia levada a cabo na transformação que poderia estar disponível a todos, mas pela capacidade de perpetrá-la com sucesso. Assim, em última instância o lucro não estaria remetido à descoberta, mas à liderança do empresário (Kirzner, 2016 [1989], 60-62), tornando esta interpretação incompatível com a leitura de Kirzner do lucro puro originado pelas ações ativas do empresário.

De Mises, Kirzner destaca o lucro puro como resultado da correta antecipação das condições futuras do mercado pelo empresário, de modo que ele é movido e age para explorar os diferenciais de preço ao longo do tempo. Porém, o empresário não é encarado nesta visão como um agente especial, antes é a manifestação de uma função inerente à toda tomada de decisão, e por isso disponível a todos (Kirzner, 2016 [1989], 63-64). Assim, Kirzner mostra que, à exceção de Mises, os economistas não incorporaram o papel do lucro puro no sistema econômico, seja na teoria econômica ou na discussão da justiça distributiva. Por isso defende que a teoria misesiana é a mais adequada para a compreensão da justiça distributiva no capitalismo, por sua capacidade de explicar tal lucro, e, portanto, compreender adequadamente o funcionamento da economia.

Por fim, duas interpretações sobre justiça econômica são avaliadas por Kirzner com relação ao entendimento do lucro puro, as contribuições de Rawls e de Nozick. O primeiro autor é classificado pelo uso da abordagem neoclássica, e nele são destacados dois erros por Kirzner: (i) a crença no estado de equilíbrio, que permite separar a função alocativa dos preços da distributiva; e (ii) aceitar a possibilidade do socialismo, tornando dispensável a função empresarial. É interessante a persistência dessas duas percepções equivocadas, à luz da tese kirzneriana da descoberta, na medida em que elas ignoram o papel da incerteza, como nota Kirzner, principalmente porque a teoria de justiça de Rawls é justamente aquela que lhe atribui maior peso por meio da proposta de um “véu da ignorância” (Kirzner, 2016 [1989], 65-67). Já Nozick, a quem Kirzner reconhece não ter trabalhado com a ideia de descoberta na sua interpretação do sistema capitalista, é apontado como aquele que mais se aproxima da abordagem empresarial da descoberta,

tornando-se central à análise kirzneriana posterior (Kirzner, 2016 [1989], 69-70).

No quarto capítulo Kirzner propõe a abordagem do processo de mercado para o entendimento da economia, no lugar da utilização da teoria econômica convencional. O autor mostra como o arcabouço preferido é capaz de explicar as situações do mundo real, em que a ausência de coordenação total entre os agentes permite a descoberta das oportunidades de lucro. Essa ação de descoberta é fundamental à discussão kirzneriana da justiça distributiva por sua capacidade de ser associada a um ato de criação. Kirzner utiliza as duas ações, criar e descobrir, como sinônimos na explicação econômica, valendo-se da ideia de que algo que seja descoberto, até então entendido como inexistente, pode ser admitido como algo criado, por sua existência ser necessariamente posterior ao descobrimento. Essa leitura permite imunidade ao olhar depreciativo do lucro descoberto, já que, por ter sido criado, ele seria de mérito daquele que o realiza (Kirzner, 2016 [1989], 72-94).

Nos capítulos cinco e seis, Kirzner apresenta e defende a regra “*finders-keepers*” para a avaliação ética, defendendo-a como princípio para explicar a justiça dos ganhos no sistema capitalista. Utilizando a reinterpretação da atividade empresarial como ato de descoberta, mostra que é justo que tudo aquilo que foi encontrado seja de posse daquele que o encontra. Uma condição de sua proposta é a validade dos direitos de propriedade, que uma vez aceita justifica a posse e a distribuição daquilo que é criado/descoberto durante o processo de mercado por meio da atividade empresarial. Para eximir-se de críticas já encontradas na literatura, Kirzner retoma a ideia do capítulo quatro, da atividade empresarial como criadora, já que na ausência da descoberta tal oportunidade não existiria, confirmando a justiça da posse por quem lhe aproveitada (Kirzner, 2016 [1989], 95-158).

Para tanto, Kirzner compara sua proposta, que associa à teoria do direito de Nozick, com a de um nome importante na discussão da justiça distributiva, John Locke, aproximando-as para defender e justificar a regra ética proposta no livro para a avaliação do capitalismo. A tese de Locke tem destaque especial, já que para Kirzner ela tem servido de base para o debate sobre a justiça distributiva, asseverando que a posse de algo depende de alguma combinação entre pioneirismo no seu descobrimento e trabalho para apropriar-se de tal (Kirzner, 2016 [1989], 96-97). Precisamente o que justificaria a associação do lucro à remuneração empresarial na teoria econômica tradicional.

Seguindo na narrativa kirzneriana, se a tese de Locke tem lugar comum no debate da justiça distributiva, uma perspectiva que se queira incluir deve estar a ela associada, e por isso serve de referência para a análise posterior da proposta de Nozick e sua reinterpretação. Kirzner entende que na teoria deste são justas todas as transações realizadas pelos legítimos proprietários, desde que elas sejam verdadeiras nos

termos propostos e voluntárias entre seus participantes, por meio do mercado, quando as referidas posses também são justas (Kirzner, 2016 [1989], 97-98).

Portanto, como Kirzner (2016 [1989], 159-169) conclui no sétimo capítulo, a regra ética a que se faz referência na sua análise da justiça distributiva, a dos “*finders-keepers*”, atenderia ao requisito basilar de ser analisada à luz de Locke, bem como estaria legitimada por sua aplicação ao capitalismo seguindo Nozick. Embora não esteja confinada a estas duas perspectivas, por estar associada à justiça na descoberta durante o processo de mercado.

Verifica-se que a “abordagem comparativa”, conquanto não explicitada na estrutura do livro publicado por Kirzner em 1989, certamente aparece em seu conteúdo como forma de o autor mostrar que só na teoria misesiana há uma explicação teórica para o lucro puro. Isso subsidiou sua defesa da regra “*finders-keepers*” *pari passu* com a teoria do direito de Nozick para legitimá-la. Desta forma, o engajamento profissional kirzneriano volta a aparecer sob a proposta em levar a teoria austríaca a um debate considerado viciado, agora com a possibilidade de explicar o lucro puro por meio da descoberta resultante da ação empresarial.

4. Uma visão da Escola Austríaca no contexto do pós-*Austrian Revival*

Por fim, o último livro selecionado para análise foi o nono publicado por Kirzner, o breve *How Markets Work* (1997a). Nele o autor buscou dar maior ênfase na diferenciação entre sua proposição de uma teoria da ação empresarial e o *mainstream*, e isso é importante na medida em que se tem em conta o contexto da publicação em momento posterior ao *Revival*. O período 1980-2000 pode ser contextualizado pelas diferentes tentativas de definição interna da agenda de pesquisa da Escola Austríaca, mas esta, enquanto escola, ficou confinado a uma pequena parcela de seguidores, sem ter atraído grande interesse do restante da profissão.

Embora seja um material curto, o livro é relevante porque, publicado em 1997, também discute em que medida os avanços teóricos da microeconomia, notadamente a incorporação da informação assimétrica, não respondem as críticas que Kirzner colocara ainda na década de 1970. Também merece destaque o breve desenvolvimento da sua visão normativa da economia, discutindo os efeitos do arranjo institucional no grau de dificuldade para a descoberta e exploração das oportunidades de lucro no processo de mercado.

Uma análise da estrutura da obra sugere que a sua organização é feita com vista à contraposição entre a perspectiva austríaca do processo de mercado, bem como sua proposição do empresário, à teoria microeconômica tradicional e demais propostas no *mainstream*. É interessante considerar essa estratégia para a apresentação do material porque Kirzner se propôs

a escrevê-lo “in non-technical terms, an ‘Austrian’ view of how a market economy works” (Kirzner, 1997a, 9), e mesmo assumindo esse objetivo ainda resgatou a teoria tradicional como base de comparação.

Esse livro é dividido em seis capítulos. O primeiro introduz a obra, apontando o objetivo de apresentar a visão austríaca de como o mercado funciona porque a teoria *mainstream* só seria capaz de explicar um mercado já coordenado (Kirzner, 1997a, 9-11). O segundo revisa na HPE o início compartilhado na revolução marginalista e o momento histórico da diferenciação entre as versões austríaca e neoclássica para a teoria dos preços durante do debate do cálculo econômico sob o socialismo (Kirzner, 1997a, 12-20). O terceiro traz críticas à teoria tradicional dos preços, pelo irrealismo das hipóteses assumidas, principalmente com relação à competição perfeita e à informação completa, que excluiriam os elementos da economia real que promovem o processo de mercado (Kirzner, 1997a, 21-30).

No quarto capítulo Kirzner passa a tratar mais diretamente da teoria austríaca, defendendo a ideia de descoberta empresarial, feita a partir do contraste com a economia neoclássica, já que esta última excluiria a criatividade-descoberta-surpresa em sua abordagem ao utilizar uma tomada de decisão reativa (Kirzner, 1997a, 31-53). O quinto capítulo discute as novas perspectivas de análise que emergem sobre temas diversos quando a teoria neoclássica é deixada de lado em favor da teoria austríaca do processo de mercado (Kirzner, 1997a, 54-75).¹⁸ Por fim, no sexto capítulo há a conclusão que aponta para o maior poder explicativo do mercado pela teoria austríaca com relação ao *mainstream* (Kirzner, 1997a, p. 76), o que sugere que a segunda teoria possa ser tomada como caso particular da primeira.

Seguindo o que foi feito em seus livros anteriores, Kirzner (1997a) utiliza a “abordagem comparativa” sobre o funcionamento do mercado para explicar a teoria austríaca com base na versão neoclássica para a teoria dos preços. Essa interpretação é condizente com o que foi feito nas demais obras do autor, cujo

engajamento na profissão parece buscar uma teoria mais próxima da realidade, implicando que o Austrianismo seja mais abrangente que a teoria tradicional dos preços.

5. Conclusão

Este artigo buscou ilustrar como Israel Kirzner utilizou uma abordagem comparativa em uma parte significativa de suas obras, apresentando seu ponto de vista teórico com relação a uma visão alternativa sobre determinado tema. A verificação dos livros selecionados mostrou que a “abordagem comparativa” é uma ferramenta importante para Kirzner expor suas ideias, utilizando o contraste entre teorias estabelecidas e suas próprias posições para a defesa do arcabouço austríaco misesiano-hayekiano.

Constata-se que todos os materiais analisados tomaram como pano de fundo a teoria econômica tradicional, de modo a explicitar como a versão austríaca difere dela. Nessa atitude verificou-se a postura de engajamento profissional do autor, que buscou aproximar-se de outras correntes econômicas no debate sobre os mais diversos temas em questão.

Na diferenciação com relação à teoria neoclássica, Kirzner apresenta as vantagens ou avanços que o Austrianismo teria promovido no entendimento de funcionamento do mercado, com a utilização da noção de processo e maior subjetivismo. Tais avanços podem ser entendidos como aumento na capacidade de explicar o mercado pela teoria austríaca em relação à abordagem tradicional, tornando a primeira mais geral que a segunda.

Essas constatações acerca de Kirzner, sobre um estilo próprio de argumentação e a atitude de buscar alinhar-se ao restante da profissão na discussão dos temas econômicos, confere nova perspectiva sobre um autor de tamanha importância. Não só permite melhor entendimento sobre sua obra, mas também sobre seu papel na recuperação da Escola Austríaca em meados da década de 1970.

Referências

- Angeli, Eduardo. 2018. Caminhos da Escola Austríaca: relação com ortodoxia, engajamento e produção de novo conhecimento. *Nova Economia*, 28(2): 681-704.
- Barbieri, Fábio. 2008. O Ressurgimento da Escola Austríaca e a Teoria de Processo de Mercado. *Econômica*, 10(2): 215-235.
- Barreto, Humberto. 1986. Resenha do livro *Discovery and the Capitalist Process*, editado por Israel Kirzner. *Southern Economic Journal*, 53(2): 529-530.
- Blaug, Mark. 1993. Resenha do livro *The Meaning of the Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, de Israel M. Kirzner. *The Economic Journal*, 103(418): 757-758.
- Boettke, Peter J. 2011. Teaching Austrian Economics to Graduate Students. *Journal of Economics and Finance Education*, 10(2): 19-30.

¹⁸ Reconsiderações que já apareciam em materiais anteriores do autor, como a compreensão da propaganda, das leis antitruste, a economia do bem estar, o socialismo e a justiça distributiva.

- Boettke, Peter J.; Perrier-Collin, Roxane and Chamillal, Neelkant S. 2002. Publications of Israel M. Kirzner. *Journal des Economistes et des Etudes Humaines*, 12(2): 429-437.
- Boettke, Peter J. and Rizzo, Mario J. 1995. Preface. *Advances in Austrian economics*, 2(2): xiii-xv.
- Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. 2006. A Conversation with Israel Kirzner, July 2006, by Peter J. Boettke and Frédéric Sautet. 2018a. In: Boettke, Peter J.; Sautet, Frédéric E. (eds.). *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Reflections on Ethics, Freedom, Welfare Economics, Policy, and the Legacy of Austrian Economics, Vol. 9*. Carmel: Liberty Fund.
- Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2009. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View, Vol. 1*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 2013. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship, Vol. 4*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 2018b. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition, Economic Planning, and the Knowledge Problem, Vol. 7*. Carmel: Liberty Fund.
- Burczak, Theodore. 2002. A critique of Kirzner's finders-keepers defense of profit. *The Review of Austrian Economics*, 15(1): 75-90.
- Caldwell, Bruce. 2018. 2018 HES Distinguished Fellow Nomination. Destinatário: Mauro Boianovsky, e-mail.
- Callahan, Gene. 2010. A Comment on Klein/Briggeman and Kirzner. *Journal of Private Enterprise*, 25(2): 105-115.
- Casonato, Lucas e Angeli, Eduardo. Kirzner e a tentativa de aproximação da Escola Austríaca com outras abordagens: evidências a partir de textos menos conhecidos. *Economia e Sociedade*, (no prelo).
- Cohen, Avi J. and Harcourt, Geoffrey C. 2003. Retrospectives: whatever happened to the Cambridge capital theory controversies? *Journal of Economic Perspectives*, 17(1): 199-214.
- Douhan, Robin; Eliasson, Gunnar and Henrekson, Magnus. 2007. Israel M. Kirzner: An outstanding Austrian contributor to the economics of entrepreneurship. *Small Business Economics*, 29(1-2): 213-223.
- Grampp, William D. 1961. Resenha do livro *The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought*, de Israel M. Kirzner. *The American Economic Review*, 51(1): 170-171.
- Hayek, Friedrich A. 1948. *Individualism and Economic Order*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Jakee, Keith and Spong, Heath. 2003. Praxeology, entrepreneurship and the market process: A review of Kirzner's contribution. *Journal of the History of Economic Thought*, 25(4): 461-486.
- Kirzner, Israel M. 1960. The Economic Point of View. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2009. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View, Vol. 1*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1963. Market Theory and the Price System. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2011. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Market Theory and the Price System, Vol. 3*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1966. An Essay on Capital. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2010a. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Essays on Capital and Interest, Vol. 2*. Indianapolis: Liberty Fund.
- [1966]1996. Essays on Capital and Interest: An Austrian Perspective. . In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2010b. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Essays on Capital and Interest, Vol. 2*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1967. Methodological Individualism, Market Equilibrium and the Market Process. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2015b. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory, Vol. 5*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1973. Competition and Entrepreneurship. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2013. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Competition and Entrepreneurship, Vol. 4*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1979. *Perception, Opportunity, and Profit: Studies in the Theory of Entrepreneurship*. Chicago: The University of Chicago Press.
- 1985. *Discovery and the Capitalist Process*. Chicago: The University of Chicago Press.
- 1986. Ludwig von Mises and Friedrich Hayek: The Modern Extension of Austrian Subjectivism. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2015a. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory, Vol. 5*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1989. Discovery, Capitalism and Distributive Justice. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2016. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Discovery, Capitalism, and Distributive Justice, Vol. 6*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1989. The Use of Labels in Doctrinal History: Comment on Baird. *Cato Journal*, 9(1): 231-237.
- 1992. *The Meaning of market process: Essays in the development of modern Austrian economics*. London: Routledge.
- 1995. The Subjectivism of Austrian Economics. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2015c. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: Austrian Subjectivism and the Emergence of Entrepreneurship Theory, Vol. 5*. Indianapolis: Liberty Fund.
- 1997a. *How markets work: Disequilibrium, entrepreneurship and discovery*. London: The Institute of Economic Affairs.
- 1997b. The Crisis of Vision in Modern Economic Thought: an Austrian economist's perspective. *Advances in Austrian Economics*, 4: 149-154.
- 2000. *The Driving Force of the Market*. London: Routledge.

- 2001. *Ludwig von Mises: the man and his economics*. Wilmington, Del.: ISI Books.
- 2017. The entrepreneurial market process – An exposition. *Southern Economic Journal*, 83(4): 855-868.
- 2019a. Entrepreneurial inspiration. *The Review of Austrian Economics*, 32(2): 101-1055
- 2019b. The ethics of pure entrepreneurship: An Austrian economics perspective. *The Review of Austrian Economics*, 32(2): 89-99.
- Klein, Benjamin. 1975. Resenha do livro *Competition and Entrepreneurship*, de Israel M. Kirzner. *Journal of Political Economy*, 83(6): 1305-1309.
- Klein, Daniel B. and Briggeman, Jason. 2010. Israel Kirzner on Coordination and Discovery. *Journal of Private Enterprise*, 25(2); 1–53.
- Koppl, Roger. 2006. Austrian economics at the cutting edge. *Review of Austrian Economics*, 19: 231-341.
- 2002. What is alertness? *Journal des Économistes et des Études Humaines*, 12(1): 3-13.
- Korsgaard, Steffen; Berglund, Henrik; Thrane, Claus and Blenker, Per. 2016. A tale of two Kirznerns: Time, uncertainty, and the “nature” of opportunities. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 40(4): 867-889.
- McCloskey, Deirdre N. [1985]1998. *The Rhetoric of Economics*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press.
- Mises, Ludwig von. 1960. Foreword. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2009. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View, Vol. 1*. Indianapolis: Liberty Fund.
- [1949]1998. *Human Action*. Auburn: Mises Institute.
- Moser, Peter. 1992. Resenha do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, de Israel M. Kirzner. *Journal of Institutional and Theoretical Economics*, 148(4): 721-722.
- Moss, Laurence S. 1975. Introduction to the Second Edition. In: Boettke, Peter J. and Sautet, Frédéric E. (eds.). 2009. *The Collected Works of Israel M. Kirzner: The Economic Point of View, Vol. 1*. Indianapolis: Liberty Fund.
- Pfouts, Ralph W. 1968. Resenha do livro *An Essay on Capital*, de Israel M. Kirzner. *The American Economic Review*, 58(1): 196-198.
- Plehwe, Dieter. Schumpeter Revival? How Neoliberals Revised the Image of the Entrepreneur. In: Plehwe, Dieter; Slobodian Quinn and Mirowski, Philip (eds.). 2020. *Nine Lives of Neoliberalism*. London and New York: Verso.
- Robertson, Paul L. 1993. Resenha do livro *The Meaning of Market Process: Essays in the Development of Modern Austrian Economics*, de Israel M. Kirzner. *History of Political Economy*, 25(3): 557-558.
- Rosner, Peter. 2003. Resenha do livro *The Driving Force of the Market: Essays in Austrian Economics*, de Israel M. Kirzner. *Economica*, 70: 192-194.
- Salerno, Joseph T. 2002. The Rebirth of Austrian Economics-In light of Austrian Economics. *The Quarterly Journal of Austrian Economics*, 5(4): 111-128.
- Vaughn, Karen I. 1994. *Austrian Economics in America: The Migration of a Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 1992. The problem of order in Austrian economics: Kirzner vs. Lachmann. *Review of Political Economy*, 4(3): 251-274.
- Zingler, Ervin K. 1961. Resenha do livro *The Economic Point of View: An Essay in the History of Economic Thought*, de Israel M. Kirzner. *Southern Economic Journal*, 27(4): 357-358.